



Um Mundo sem Europeus

Barack Obama entre o Fim do Eurocentrismo e o Novo Ocidente

Henrique Raposo

Lisboa: Guerra e Paz, Editores S.A.

2010, 350 pp.

ISBN: 978-989-8174-72-7

“Este livro conta duas histórias (...) A primeira tem como protagonista a Europa, e o drama gira em torno do declínio económico e normativo dos europeus. A segunda é protagonizada pela política externa dos EUA, e o enredo aborda a forma como Washington está a redefinir o conceito de Ocidente através das alianças com as democracias asiáticas.”

É deste modo que Henrique Raposo começa o seu livro provocador, que termina com a conclusão de que o sonho do *pai fundador* Alexander Hamilton, de um Mundo sem Europeus (na altura aristocráticos), se tinha tornado finalmente numa profecia em 2010.

É um livro provocador no sentido em que, de modo particularmente desafiante, leva os leitores, dos mais curiosos aos especialistas, a confrontarem-se com uma nova visão de que “a Europa não tem qualquer centralidade na política mundial”, uma vez que se encontra num real e verdadeiro *declínio relativo* perante os novos poderes como a China, a Índia, o Brasil e a Coreia do Sul. Esta nova visão, que vai contra o pensamento das elites europeias, é muito bem justificada por Henrique Raposo na perspectiva do declínio no campo do poder (o mundo de Maquiavel; economia, demografia e força militar), mas também no campo da legitimidade. Ou seja, a narrativa dos valores europeus e ocidentais (Kantianos) também está em declínio, face ao ressurgimento de outras perspectivas igualmente legítimas (Neo-confucionismo, por exemplo).

É um livro provocador, porque desafia as elites europeias a assumirem que a Europa já não está no centro do Mundo (democrático) e que os novos desafios

devem ser ultrapassados com ideias, coragem, projecção de poder político-militar e humildade realista, e não contra conjunturas, adversidades e preconceitos. Para Henrique Raposo “Em 2010, o mapa-mundo correcto é aquele que coloca a América ao centro, é o mapa-mundo americano, com o oceano Pacífico em pé de igualdade com o Oceano Atlântico”.

É um livro provocador, porque entende que foram os EUA que criaram, pela legitimidade, um Novo Ocidente ao longo do Pacífico e do Índico, claramente o centro do novo Mundo. Para o autor (e para Robert Gates), os “EUA são uma nação do Pacífico”.

Mas, na nossa perspectiva, é também um livro excepcionalmente bem escrito, com um discurso mais jornalístico¹ e político do que académico, não obstante as justificadas (e criteriosas) fundamentações dos seus argumentos.

Para um defensor de Raymond Aron e de Hedley Bull como Henrique Raposo, o Estado continua a ser a unidade de análise essencial nas relações internacionais e a globalização ainda não conseguiu destruir a capacidade dos EUA, facto que tem sido ignorado por “uma Europa que troca objectivos políticos por conceitos abstractos e apolíticos como Humanidade, Democracia Global, Direito Internacional, Multilateralismo, Ambiente”.

Organizado em duas partes, “A política Externa dos EUA e a Construção do novo Ocidente” e “o Mundo Pós-Atlântico, o fim do Eurocentrismo e o Paradoxo Europeu”, o livro acaba por responder a duas questões que se tornariam em dois grandes desafios: de que forma a ascensão dos Estados asiáticos afecta a política externa dos EUA, a potência unipolar? De que forma é que os europeus são afectados pela nova relação entre os EUA e os Estados asiáticos?

Henrique Raposo começa por destacar que “o dado determinante da nossa Era é a ascensão dos Estados asiáticos [em especial da China e da Índia, países que desenvolve mais pormenorizadamente], e não o terrorismo islâmico” e termina com um epílogo que encerra uma mensagem de Edmund Burke, no sentido de que os velhos ocidentais devem enterrar os seus machados de guerra eurocêntricos.

Depois do mote da emergência das potências asiáticas e com um argumento inovador, Henrique Raposo traça de modo particularmente brilhante, as grandes linhas do ADN da política externa dos EUA clarificando, com grande rigor académico, a identidade e os pilares da potência global que ainda muitos europeus desconhecem. Entende-se bem melhor a forma como Washington olha para o sistema internacional, depois da leitura destes dois capítulos, que caracterizam de maneira

1 O autor é cronista do Expresso.

ímpar a democracia liberal norte americana (e independentemente do peso atribuído por cada leitor às correntes Jeffersoniana e Hamiltoniana).

Todo o livro é dominado por três grandes paradigmas, que Henrique Raposo personaliza no “realista” Obama: o mundo pós-atlântico, o fim do eurocentrismo e o novo Ocidente. Efectivamente, a reorientação estratégica dos EUA no sentido do Pacífico é “acompanhada por uma reorientação identitária do próprio conceito de Ocidente” (Barack Obama fala mais em “sistema global de democracias liberais” do que em “Ocidente” – conceito que será cada vez mais político do que cultural), tema que poderá e deverá ser desenvolvido mais tarde por Henrique Raposo, sem a espuma das conjunturas e com a imprescindível ajuda do factor tempo.

Já após a edição do livro, no início de Maio, foi publicada a nova *National Security Strategy* dos EUA (NSS de 27 Maio de 2010). O facto desta nova NSS (apesar da transparência dos EUA, é importante perceber que, por vezes, o que não vem explícito nos conceitos estratégicos tem ainda maior valor estratégico) não ter explicitamente marcada a nova viragem da política externa dos EUA para o Pacífico, poderia levar a novas interpretações por parte do autor (que sustentou o seu discurso na NSS de 2006 – com forte peso de Condoleezza Rice). Apesar do reforço do peso do G8 e do G20, numa perspectiva norte-americana de uma ordem internacional mais cooperativa, o novo documento começa por destacar os aliados europeus como determinantes para o empenhamento dos EUA no Mundo, antes de salientar a importância das alianças com o Japão, a Coreia do Sul, a Austrália, as Filipinas e a Tailândia, para a segurança e o desenvolvimento da região Ásia-Pacífico. A NSS destaca ainda a importância do centro de influência do século XXI, centrado no eixo China-Índia-Rússia, quer para os EUA, quer para o Mundo. Também é perceptível uma visão mais Kantiana de Obama, presente ao longo de todo o documento, sobretudo no que respeita aos conceitos mais abstractos que Henrique Raposo tanto criticava nos Europeus. Também por isto não devemos entender Obama como um realista puro, que personifica o “mundo sem Europeus” (mais um realista Hamiltoniano). Resta aguardar pelos próximos capítulos da prática política...

Por mais do que uma vez ao longo do livro, Henrique Raposo (com a coragem moral que sempre o caracterizou) refere que escreveu o livro “contra” as elites europeias, sejam aquelas que ainda pensam que a Europa se encontra no centro do Mundo, sejam as que entendem que a Europa ainda é detentora do monopólio da virtude. Julgamos que se escrevem os livros mais a “favor” de alguém ou de algo e, nesse sentido, julgamos que Henrique Raposo nos deu muito mais do que terá inicialmente pensado, quer em termos de conhecimento, da capacidade de argumentação, e muito especialmente das mensagens de alerta para os europeus e para a Europa.

Vale a pena ler “Um Mundo sem Europeus”, pois as nossas percepções sobre a Europa no Mundo serão com toda a certeza estremecidas. Os responsáveis políticos e em particular aqueles que, relativamente à União Europeia, têm responsabilidades acrescidas devem reflectir profundamente sobre os alertas e os desafios identificados por Henrique Raposo.

Com este livro, cuja primeira parte constitui uma reformulação da sua dissertação de mestrado,² Henrique Raposo contribuiu claramente para elevar o debate junto da grande opinião pública e para levar a *academia* para a realidade, na linha das duas instituições que o apoiaram neste projecto (e a quem agradece): o IPRI e o IDN.

João Vieira Borges
Coronel de Artilharia, Assessor no IDN

² No Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.